

COMO AUMENTAR A RENDA DE SUA FAZENDA (1)

E. D. BRANDÃO (2)

E bem provável que o título dado à nossa palestra tenha causado a muitos certa estranheza. É que o tema sugere algo de extenso para uma preleção de uma hora. Nossa intenção é, porém, focalizar, daqui, alguns pontos concernentes à administração e organização da fazenda, na esperança de que assim procedendo talvez alguém possa tirar algum proveito dos conceitos a serem emitidos.

Depois que a agricultura deixou para trás aquela fase em que cada lavrador produzia quase exclusivamente o que reclamava a sua necessidade, os termos organização e administração passaram a significar algo de novo.

Durante aquela época, os métodos agrícolas tiveram pouco desenvolvimento, no sentido do progresso, pois que as chamadas boas práticas só se desenvolveram à custa de muitos erros, num passar de pais para filhos, de vizinhos para vizinhos.

Mas, com o desenvolvimento extraordinário de certas ciências biológicas, nos últimos 50 anos, os fazendeiros mais progressistas começaram a ver vantagens no que lhes ensinavam os técnicos, e daí o fato de passarem a produzir mais para os outros do que para si próprios. E os ensinamentos dos técnicos foram tão decisivos, que, nos países mais adiantados, os agricultores se viram, de um dia para outro, envolvidos em assuntos com os quais nunca se haviam preocupado os seus avós. Viram-se diante dos magnos problemas da venda e da compra, a demandar conhecimentos até então da alçada dos comerciantes. Caminhando mais, começaram a tomar certo interesse pelo que alguns economistas denominaram de troca, mercados, transportes, distribuição, oferta, procura e muitos outros complicados problemas. Foi nessa altura que, felizmente, uma ciência nova começou a dotar o fazendeiro de alguns fatos, princípios e leis, que são como que verdadeiras armas na defesa da sua agricultura. Conhecidos tais princípios e leis, em boa hora ditados pela Economia Rural, trabalhar a terra deixou de ser

(1) Conferência proferida no Salão Nobre da ESAV, por ocasião da 21ª Semana do Fazendeiro.

(2) M. S., Prof. do Departamento de Economia Rural da ESAV.

uma simples arte, como sempre a julgaram os agricultores do passado, para tornar-se um misto onde o artista, o cientista e o comerciante, tiveram de fundir-se num só.

Nesta palestra vamos indicar alguns princípios considerados mais importantes, sobre os quais desejamos chamar a atenção dos agricultores que nos ouvem.

Estudos modernos de Economia Rural chegaram à conclusão de que o sucesso de uma fazenda depende de diversos fatores, e que, entre estes, alguns são mais importantes que outros. Uns dependem diretamente do fazendeiro, isto é, estão sujeitos ao seu controle, enquanto que outros não dependem da sua intervenção.

PREÇO

Encontra-se neste último caso, por exemplo, o fator preço. Todo mundo sabe que este é um fator de suma importância, mas todos sabemos, também, que muitas forças influenciam seu comportamento, impossibilitando o agricultor de ter sobre o mesmo qualquer atuação realmente benéfica. É por essa razão que, logicamente, nos períodos de elevação de preços dos produtos da fazenda, os fazendeiros mais eficientes têm oportunidade para ganhar mais dinheiro que os menos eficientes. Nesses períodos, mesmo os fazendeiros mais atrasados, ainda conseguem renda compensadora. Mas nos períodos contrários, isto é, nos de baixa, só os agricultores mais adiantados conseguem resistir à crise.

Felizmente, porém, há outros fatores de grande importância e que podem ser controlados pelos fazendeiros.

TAMANHO OU VOLUME DA EXPLORAÇÃO

Um fator principal, dependente do administrador, é o que poderíamos chamar de tamanho ou volume da exploração.

Estudos econômicos que realizamos em 101 fazendas de gado leiteiro no Estado de New York, U.S.A., apresentaram os seguintes dados:

Tabela — 1

NÚMERO DE VACAS E LUCRO VERIFICADO (3)
(101 Dairy Farms, Madison County, N. Y. — 1945-46)

Nº de vacas	Nº de fazendas	MÉDIA	
		Nº de vacas	Lucro verificado
Menos de 13	21	10	Cr\$ 13.240,00
13 a 18	21	16	22.780,00
19 a 24	23	21	42.500,00
25 a 30	15	28	44.920,00
31 ou mais	21	39	85.800,00

A presente tabela mostra que, à medida que o número de vacas foi aumentando, os lucros também aumentaram, numa razão crescente. E observa-se que um aumento de 4 vezes, aproximadamente, no nº de vacas, concorreu para um aumento de, praticamente, 6,5 vezes no total dos lucros.

O que aqui consideramos Lucro Verificado é o que na América se denomina "Labor Income" (Renda do Trabalho). Labor Income é, para os americanos, uma ~~medida~~ ^{medida} de *lucros* muito usada em Economia Rural. Em poucas palavras, representa o que o fazendeiro recebe pelo seu ano de trabalho, depois de pagar tôdas as despesas e mais os juros de 5% sobre o capital empatado. Além disso, conta ainda o agricultor com o uso da casa e do que nesta fôr gasto, proveniente da propriedade.

De maneira idêntica podemos provar a importância do fator "tamanho", ora recorrendo ao total dos recursos da propriedade, ora à quantidade expressa em número de hectares ou alqueires, por fazenda, ora em número de porcos vendidos, número de pés de café, de alqueires de milho, de arroz, de feijão, etc.

(3) Tese do autor, para o título de Master of Science, Cornell University, N. Y., U. S. A. A conversão dos dolares em cruzeiros foi feita à razão de \$1.00 = Cr\$ 20,00.

De estudos que estão sendo feitos no município de Ubá, Estado de Minas, tiramos os dados de 42 propriedades e com estes podemos provar, de maneira idêntica, como o fator "tamanho" se relaciona fortemente com a renda da propriedade.

Sorteando as propriedades segundo o seu tamanho, em nº de hectares, pudemos organizar a seguinte tabela:

Tabela — 2

NÚMERO DE HECTARES E RENDA TOTAL

42 Propriedades. Município de Ubá, 1948-49

Hectares operados	Nº de propriedades	MÉDIA	
		Hectares operados	Renda total
Menos de 15	15	10	Cr\$ 25.803,00
15 a 49	15	28	36.314,00
50 ou mais	12	68	83.700,00

Os dados acima mostram, claramente, que os aumentos verificados no número de hectares foram seguidos por substanciais aumentos na renda da propriedade.

O que denominamos aqui de Renda Total é simplesmente o resultado da soma de todas as vendas ocorridas durante o último ano, quer sejam de produtos agrícolas, como arroz, milho, fumo, etc. — quer de animais e seus derivados.

Sorteando as mesmas propriedades conforme os seus recursos disponíveis, representados pela soma dos valores revertidos em terras, benfeitorias, animais, equipamentos e provisões, podemos tirar também idêntica conclusão sobre a influência do fator que estamos discutindo, em relação à renda da propriedade (Tabela 3).

Tabela — 3

RECURSOS TOTAIS DA PROPRIEDADE E RENDA TOTAL

42 Propriedades, Município de Ubá, 1948-49

Recursos totais (em milhares de cruzeiros)	Nº de propriedades	MÉDIA	
		Recursos	Renda total
Menos de 50	14	Cr\$ 30.333,00	Cr\$ 22.720,00
De 50 a 99	13	69.050,00	30.420,00
De 100 ou mais	15	292.700,00	80.446,00

A presente tabela mostra que a renda da propriedade está diretamente relacionada com o total de recursos disponíveis. À medida que os recursos foram aumentando, a renda, como era de esperar, também passou a ser maior.

RENDIMENTO POR ANIMAL

Um segundo fator responsável por lucros, e que pode ser controlado pelo agricultor, é o que chamamos de rendimento por animal, ou por hectare, quando se trata de determinada cultura.

Com as extraordinárias experiências dos geneticistas nos últimos anos, êsse fator vem aumentando de importância, cada dia que passa.

Sorteando as vacas existentes nas fazendas citadas, do Estado de New York, segundo a sua produção anual de quilos de leite, encontramos os seguintes dados: Nas fazendas cujas vacas produziram, em média, 2167 quilos durante o ano (Tabela 4), a média de lucros foi de Cr\$ 8.460,00. Mas nas fazendas onde as vacas produziram 3.796 quilos durante o ano, o lucro foi de Cr\$ 81.880,00 — ou de quase 10 vezes mais.

Tabela — 4

LEITE POR VACA E LUCRO VERIFICADO
(101 Dairy Farms, Madison County, N. Y. 1945-46)

Quilos de leite por vaca	Nº de fazendas	MÉDIA ANUAL	
		Quilos de leite por vaca	Lucro verificado
Menos de 2500	28	2167	Cr\$ 8.460,00
2500 a 3499	24	2748	34.940,00
3500 a 4499	24	3203	42.800,00
4500 ou mais	25	3796	81.880,00

Usando processo semelhante, podemos provar como o rendimento influencia os lucros, recorrendo, para isso, à produção por hectare, de qualquer cultura. Na tabela 5 — organizada com dados de 37 propriedades do município de Ubá, mostramos essa influência.

Tabela — 5

RENDIMENTO DE MILHO POR HA E RENDA TOTAL
(37 Propriedades, Município de Ubá, 1948-49)

Rendimento por Ha. (Kg.)	Nº de propriedades	MÉDIA	
		Rendimento	Renda total
Menos de 900	16	688	Cr\$ 40.601,00
900 a 1200	11	1132	55.063,00
Mais de 1200	10	1523	60.313,00

Pelos dados acima, verificamos que a renda total da propriedade aumentou, gradativamente, à medida que o rendimento de milho, por Ha, foi aumentando. Essa razão crescente se verifica, de maneira análoga, com a cultura de arroz. (Tabela 6).

Tabela — 6

RENDIMENTO DE ARROZ POR HA E RENDA TOTAL

(26 Propriedades, Município de Ubá, 1948-49)

Rendimento por Ha. (Kg.)	Nº de propriedades	M É D I A	
		Rendimento (Kg.)	Renda total
Menos de 1000	8	767	Cr\$ 37.835,00
1000 a 1999	8	1445	42.258,00
2000 ou mais	10	3278	57.026,00

EFICIÊNCIA DE TRABALHO

Um terceiro fator que desejamos apresentar é o que se chama Eficiência de Trabalho, fator aliás de suma importância, visto como um dos maiores problemas que a lavoura enfrenta é justamente o da falta de braços. Felizmente, ou infelizmente, já passou, entre nós, a fase de fartura de braços e braços baratos. Com o surto industrial dos últimos anos, muitas transformações estão se operando nas fazendas, e uma delas é, precisamente, a que se refere à obtenção de maior rendimento por homem disponível. Os fazendeiros que podem manter maior número de vacas ou porcos por homem, mais arrobas de café, quilos ou sacos de milho, arroz, etc. — por dia de serviço — estão operando em fazendas mais adiantadas, mais progressistas, e por isso estão conseguindo maiores lucros.

Procurando provar como a eficiência do trabalho é importante fator na contribuição dos lucros, dividimos as fa-

zendas americanas em nove grupos, conforme se vê na seguinte tabela:

Tabela — 7

VACAS POR HOMEM E LUCRO VERIFICADO

(101 Dairy Farms, Madison County, N. Y. — 1945-46)

Vacas por homem	Nº de fazendas	M É D I A	
		Nº de vacas por homem	Lucro verificado
Menos de 9	22	7	Cr\$ 11.360,00
9 a 11	27	10	30.260,00
12 a 14	29	13	51.300,00
15 ou mais	23	18	65.600,00

No grupo de 22 fazendas cujo número de vacas por homem, foi de 7, em média, o lucro médio foi de Cr\$ 11.360,00. Quando êsse número de vacas, por homem, aumentou para 13; em média, o lucro subiu para Cr\$ 51.300,00. E nas melhores fazendas, quando o número se elevou para 15, ou mais, o lucro médio atingiu Cr\$ 65.600,00. Verifica-se assim, que um aumento de 2,5 vezes no número de vacas por homem, comparando-se o primeiro grupo com o último, provocou um aumento de quase 6 vezes, no total dos lucros.

Há ainda diversos outros fatores responsáveis por lucros, como, por exemplo, a combinação de culturas e criações visando melhor aproveitamento da mão de obra disponível, o fator da eficiência no uso de máquinas e instrumentos agrícolas, etc. Não vamos, contudo, continuar provando a importância de tais fatores porque, primeiro, não desejamos prolongar muito esta palestra, e, segundo, acreditamos que os dados apresentados são suficientes para demonstrar o valor dos citados fatores.

Sabendo-se agora que os fatores são de grande valia, pensamos em calcular uma série de índices, ou "standards", para que os fazendeiros pudessem, por um processo muito simples, verificar quais são os pontos fortes e os fracos de sua propriedade, porque, conhecendo tais pontos, cada um

poderá tomar as necessárias providências no sentido de ampliar os pontos fortes, e, de outro lado, melhorar, ou eliminar os fracos.

Assim, as tabelas seguintes mostram índices diversos que poderão ser aplicados, acreditamos, com resultados bastante razoáveis, em tôda a Zona da Mata dêste Estado de Minas Gerais.

Os dados para as presentes tabelas foram, sempre que possível, conseguidos através de visitas a propriedades agrícolas dos municípios de Ubá e Viçosa, entrevistando diretamente os proprietários com questionários adequados (Survey Method). Como, todavia, os recursos disponíveis para tal fim eram reduzidos, resolvemos suplementar os dados conseguidos, enviando os referidos questionários a todos os agricultores que frequentam a Semana do Fazendeiro da ESAV. Felizmente, numerosos agricultores, verdadeiros amigos desta Instituição, atenderam ao nosso apêlo, enviando-nos os questionários devidamente preenchidos, o que tornou possível a preparo dos índices.

Tabela 8. Tamanho ou Volume da Exploração

Nº de hectares (4)	Nº pés de café	Nº de vacas	Nº de galinhas	Total de serviços
1526	196000	112	285	12460
703	80000	63	130	5190
439	30250	42	100	3310
321	16100	30	75	2370
232	12000	25	60	1700
206	11000	22	55	1520
181	10000	19	50	1340
121	8100	12	45	1040
76	4550	8	30	830
49	2500	5	20	620
22	1000	2	15	440

(4) Só foram consideradas as propriedades sujeitas ao pagamento do imposto territorial, isto é, que possuem mais de 20 Ha.

Tabela 9 Criações — Produção ou venda				
Litros de leite por vaca — por dia		Nº de ovos por galinha	Nº de porcos vendidos	
Tempo sêco	Tempo das águas		Gordos	Magros
4,3	5,0	180	180	140
3,1	3,8	150	50	58
2,5	3,3	120	29	33
2,3	3,0	90	20	28
2,0	2,8	75	16	21
1,9	2,6	70	13	17
1,8	2,4	66	10	13
1,6	2,3	55	6	10
1,4	2,0	40	5	8
1,2	1,9	30	3	5
0,5	1,5	20	2	2

Tabela 10 Culturas — Rendimento por Ha					
Milho (Kg)	Feijão (Kg)	Café (arrozbas por 1000 pés)	Cana (ton.)	Arroz beneficiado (Kg)	Fumo (Kg por 10000 pés)
2370	1690	80	81	3100	1360
1760	1160	50	51	2660	600
1490	940	43	45	2120	510
1270	760	35	41	1790	490
1180	650	30	38	1550	460
1105	605	28	36	1440	435
1030	560	26	34	1330	410
930	490	20	32	1100	300
810	410	16	21	890	240
660	330	12	16	630	190
380	180	8	12	400	170

Tabela 11 — Eficiência de Trabalho

Produção em Kg. por Ha, por Serviço						Nº de vacas por homem
Milho	Café	Arroz	Feijão	Cana	Fumo	
34	19	60	37	1750	12	60
17	8	30	16	905	10	50
9	4	20	10	615	9	42
5	3	15	7	380	5	36
4	2	8	5	220	4	30
3,5	1,5	7	4,5	190	4	27
3	1	6	4	160	4	24
2,5	1	4	3	85	3	19
2	1	3	2	40	1	17
1	0,4	2	1	25	1,8	15
0,5	0,2	0,5	0,5	15	0,5	8

As colunas que formam as presentes tabelas de índices são independentes, umas das outras.

Os números no alto de cada coluna, representam os índices referentes aos melhores agricultores da região. São os melhores 10%. O segundo número, de cima para baixo, refere-se aos 10% seguintes, e assim sucessivamente. Os números que sobressaem, no centro de cada tabela, indicam as médias. Dêsse modo, os fazendeiros cujos índices se enquadram acima da média, são, na verdade, os fazendeiros mais adiantados. Aqueles cujos índices só podem ser enquadrados abaixo da média são, por conseguinte, os fazendeiros de menor eficiência.

Para calcularmos os ^{pontos} ~~homens~~ fortes e os fracos de uma determinada fazenda, recorreremos aos dados dessa fazenda, e vamos traçando linhas, nas tabelas, nas imediações dos índices de cada coluna. Terminada essa operação, as tabelas nos indicarão todos os pontos fortes e os fracos da fazenda em estudo. Conhecidos esses pontos, só nos resta ajustá-los para, naturalmente, conseguirmos maiores lucros. A constan-

te preocupação do administrador deverá ser a de eliminar os pontos fracos e, sempre que possível, ampliar os fortes.

Se o índice de rendimento de milho por Ha, por exemplo, está baixo, digamos 800 Kg, por Ha, isto é, menor que a média, temos que descobrir a causa. Esta poderá ser a deficiência no nosso método de plantio, poderá ser porque estamos plantando sementes fracas, ou porque as terras são muito pobres e não usamos adubo. Poderá ser ainda outra causa, o fato, porém, é que, se na região alguns fazendeiros estão conseguindo mais de 2000 Kg, por Ha, e se os fazendeiros médios estão conseguindo 1100 Kg, por Ha, por que havemos de continuar com índices abaixo dessa média?

Se verificarmos que o ponto ou pontos fracos estão no grupo Eficiência de Trabalho, muitas medidas poderão ser tomadas. O assunto é dos que exigem horas de explicação, mas vamos resumir-lo dizendo que muito melhoramento pode ser feito com a seguinte orientação: 1º Observemos a operação ou trabalho em todos os seus pormenores; 2º Façamos as seguintes perguntas: a) Por que isso é necessário? b) Qual é o seu propósito? Onde deve ser feito? Quando deve ser feito? Quem deve fazê-lo? Qual será a melhor maneira de realizá-lo?

Nos últimos anos, alguns fazendeiros de certos países adiantados, fazendo a si mesmos perguntas como essas, idealizaram certas práticas que estão causando verdadeira revolução nos métodos de trabalho.

Esses melhoramentos foram tão impressionantes, que muitas Universidades Americanas começaram a fazer um grande número de pesquisas sobre o assunto, e os resultados que os pesquisadores vêm conseguido são realmente extraordinários. Ora substituindo o trabalho manual por mecânico, ora construindo ferramentas mais apropriadas para as diferentes tarefas; ora edificando as benfeitorias dispostas de tal modo que diminuam as caminhadas, e facilitem a movimentação, o transporte, a alimentação ao gado, ou aves, etc; ora usando bebedouros, ou comedouros automáticos; ora instruindo os lavradores a respeito de como e quando devem fazer determinados trabalhos, *esses apóstolos da nova ciência estão tornando os operários do campo, de hoje, muitas vezes mais eficientes que os do passado.*

Com a crescente falta de braços por que está passando a nossa lavoura, é de esperar que os nossos homens de governo, também, venham a voltar suas vistas para os problemas dessa ordem, o que poderia perfeitamente ser iniciado com a simples dotação de verbas para pesquisas sobre o

assunto. O problema é de tamanha relevância que talvez muita ajuda pudesse vir mesmo de particulares interessados no assunto, e que são geralmente todos os agricultores.

Se, finalmente, a análise que fizemos revelar que o nosso ponto fraco está no tamanho, ou volume da exploração — nosso esforço deverá consistir em aumentar a propriedade ou a exploração. Neste particular, temos verificado que há, entre nós, atualmente, uma tendência no sentido da diminuição do tamanho das propriedades agrícolas — tendência essa que reputamos perigosa.

No Município de Viçosa, por exemplo, o número de propriedades é hoje de 2806 (Tabela 12).

Tabela — 12

PROPRIEDADES AGRÍCOLAS

(do Município de Viçosa em 1949)

Distritos	ÁREA EM HECTARES			
	Menos de 20	20 a 50	Mais de 50	Total
Cajuri	128	22	20	170
Canaan	382	81	63	526
São Miguel	685	127	71	883
Sede	977	148	102	1227
Totais	2172	378	256	2806

Esse número, porém, deve ter sido bem inferior cerca de duas décadas atrás, pois, procurando saber, nesse período, quantas novas propriedades haviam surgido, apenas por motivo de herança, chegamos à conclusão de que o número, nessas condições, é de quase 400 propriedades. Infelizmente entre essas novas 400 propriedades, apenas 19 provieram de fazendas que possuíam mais de 50 hectares. As demais originaram-se portanto, de propriedades que já eram pequenas. Casos houve em que o número de herdeiros chegou a ser de 10, para um imóvel que não chegava a ter 30 hecta-

res. Ora, que poderão fazer hoje os novos donos com suas propriedades de menos de 3 hectares?

Conforme se vê na tabela citada, para um total de 2806 propriedades, 2172 — que representam mais de $\frac{2}{3}$ do total, possuem menos de 20 hectares. Observe-se que 378 estão compreendidas no limite que vai de 20 a 50 hectares e apenas 256 possuem mais de 50 hectares. Há, sem dúvida, uma grande tendência no sentido da diminuição do tamanho. Infelizmente, não estamos na posição de poder afirmar que determinado tamanho representa o ideal para o município, porém não cremos, absolutamente, que esse tamanho possa enquadrar-se na primeira classificação, isto é, no grupo que contém menos de 20 hectares. O município está, pois, com um elevado número de pequenas propriedades que, pelo simples fato de serem demasiadamente pequenas, não podem ser operadas economicamente. Tal situação talvez explique, em parte, porque o Município que já foi bom exportador de cereais, porcos e galinhas, vê sua exportação cair, assustadoramente, de ano para ano. Precisamos ter sempre em mente que a fazenda moderna é, ao mesmo tempo, o lar e o negócio da família. Assim sendo, é natural que haja certos arranjos ou acórdos entre pais e filhos, de maneira que todos fiquem contentes, sem desorganizar a fazenda. Ajustamentos adequados entre pai e filho podem redundar numa fórmula de transferência da propriedade sem perda da sua eficiência. A maneira existente, entre nós, não tem dado bom resultado. A permanência do pai na direção da fazenda, até a morte, apresenta grandes falhas. A primeira é que, depois de certa idade, esse pai não poderá mais ser um bom administrador, como o foi, digamos, quando sua idade se enquadrava dentro do período que vai de 25 a 45 anos. Estudos modernos, no campo da administração, têm provado que nesse período os homens são mais eficientes. De outro lado, continuando na direção da propriedade, verifica-se que esta começa a declinar e quando chega a ocasião da partilha a fazenda está, muitas vezes, inteiramente desorganizada. E isso é ainda mais grave porque, daí para a frente, os herdeiros vão administrar, como ficou provado, pedaços de um todo que já não era bom. Ora, se pudermos chegar a uma fórmula onde a transferência da propriedade se dê, sem a costumeira partilha, e sobretudo na ocasião da sua plena produtividade, tanto a geração nova como a velha, a fazenda em si, como a comunidade, todos, enfim, acabarão lucrando. O objetivo, portanto, de uma fórmula de transferência não é o de que o pai deixe de administrar em favor de um filho,

porquanto os outros filhos também têm direito. O que se deseja é que a solução favoreça 1º a todos os membros da família; 2º que a eficiência não fique prejudicada, e 3º que a comunidade também seja beneficiada.

O problema não é nada fácil, como poderá parecer.

Infelizmente, o tempo limitado desta palestra não nos permite discutir o assunto como desejaríamos; colocamo-nos porém, com todo prazer, à disposição dos interessados para explanação mais minuciosa das idéias que temos sobre esse problema e que, por si só, encheriam o tempo de uma conferência. Aliás, pensamos em publicar, em futuro próximo, um trabalho sobre este assunto.

Chegados a esta altura, seja-nos permitido emitir ainda mais alguns conceitos que, de uma ou de outra maneira, talvez possam concorrer para uma administração mais eficiente, nestes dias incertos que a agricultura nacional atravessa.

Os agricultores devem, por exemplo, reduzir, ou eliminar as culturas que dão pequena margem de lucros. Se em determinada região está provado que a cultura do arroz é a mais rendosa, por que não plantar mais arroz e comprar milho e feijão do vizinho? Neste particular insistimos em que a atividade principal deve recair sobre a cultura comprovadamente rendosa, e muito cuidado deve haver no que diz respeito à introdução de novas culturas. Mudar de cultura ou criação nem sempre constitui boa medida. Todo fazendeiro deve lembrar-se de que a agricultura da sua região tem uma história que encerra grande sabedoria.

Com referência às criações, boa política será vender, enquanto é tempo, os animais de baixa produção, substituindo-os por melhores espécimes. Isso, além de ser lucrativo, no momento, poderá ser de grande alcance no futuro.

Quer se encare o problema de culturas, quer se localize o de criações, a tendência deverá ser no sentido da especialização e não no da diversificação.

O problema das máquinas precisa merecer maiores cuidados. Estamos, sem dúvida, caminhando para a mecanização, mas só devemos comprar máquinas depois que nos certificamos da sua real utilidade.

No que se refere ao uso de adubos achamos que o fazendeiro deve empregar todo o estêrco disponível, isto é, precisa aproveitar, ao máximo, o adubo orgânico obtido em sua propriedade — mas, com relação aos adubos químicos, convém que haja muito cuidado, porque o seu uso exige conhecimentos adequados. Usar adubos químicos sem a ne-

cessária orientação pode prejudicar as plantas, além de ser, muitas vezes, anti-econômico.

Muitos conselhos poderiam ainda ser dados com referência aos magnos problemas da conservação do solo, da irrigação e drenagem, etc. Como, todavia, tais assuntos ainda serão discutidos, no decorrer desta semana, e por técnicos mais credenciados do que nós, preferimos nada adiantar, no momento.

Os passos incertos da nossa economia têm causado fenômenos curiosos no que se refere aos preços dos produtos agrícolas. As frequentes e grandes oscilações nos preços de alguns produtos, chegam a desconcertar os mais avisados no assunto. Quando os preços dos produtos agrícolas estão baixando, é preferível vender a produção o mais cedo possível. A espera de preços melhores costuma ser desastrosa. E a venda, se possível, deve ser feita diretamente ao consumidor. Em outras palavras, quando os preços dos produtos agrícolas estão subindo, o fazendeiro não se deve preocupar com vendas diretas — os preços são tão bons que todos, fazendeiros e intermediários, podem ganhar. Mas se o inverso se verifica, isto é, se os preços estão baixando, não há lugar para os dois.

Uma frase muito propalada nos últimos tempos é a de que a falta de braços está asfixiando a lavoura. Infelizmente, essa dificuldade está provocando uma outra transformação na fazenda, que também, queremos taxar de perigosa. Referimo-nos à prática, largamente espalhada, de entregar parte das terras a meeiros. Tal prática se desenvolveu tanto nos últimos tempos que é muito difícil, hoje em dia, encontrar-se uma fazenda sem meeiros. Nas fazendas de razoável tamanho, nesta região, a média de meeiros é de 5, por fazenda. Propriedades há, porém, cujo número já excede de 20. A tendência é perigosa, repetimos, porque a fazenda perde a sua unidade. A grande célula que era governada por um administrador mais experimentado, cedeu lugar a vários outros que devem ser naturalmente menos habilitados. O mal está tão generalizado que não acreditamos ser possível evitá-lo. Mas nem tudo está perdido. Se os fazendeiros, que dão terras à meia, se reservarem o direito de orientar a cultura, de fornecerem, eles mesmos, a boa semente, de ditar as práticas, etc., se puderem dispor de tais meeiros, fazendo com que estes trabalhem em equipe, ora para um, ora para outro, não haverá propriamente quebra da unidade, e talvez, com esta última orientação, se possa minorar o problema da mão de obra.

Aí estão, meus senhores, os conceitos que houvemos,

por bem, trazer à vossa consideração, nesta vossa quarta noite de convívio com a ESAV.

Oxalá nossa modesta contribuição possa despertar interesse entre, pelo menos, alguns dos nobres representantes da lavoura, que, deixando o conforto de seus lares, vencendo caminhos incertos, aqui se encontram, numa demonstração viva de sentimento patriótico, a buscar armas seguras com as quais haverão de melhor servir à sua família, à sua comunidade, à sua Pátria, enfim.